

Relato de visitas virtuais durante a pandemia de Covid-19 | Casa Mário de Andrade

Por Arthur Major

Durante o período de suspensão de visitas de grupos escolares ao Museu por causa da pandemia de COVID-19, a Casa Mário de Andrade realizou atividades virtuais com escolas. O Núcleo de Ação Educativa da Casa adaptou-se às novas condições de trabalho, oferecendo atividades mediadas virtuais, a fim de manter o contato com seu público alvo. Esse modelo trouxe inúmeros desafios, mas também algumas vantagens em relação às visitas presenciais.

O primeiro desafio foi adaptar os roteiros de visitas existentes, que foram pensados a partir do percurso dos grupos pelo espaço do Museu e das exposições em cartaz. Para apresentar o espaço recorremos a vídeos, tanto atuais quanto antigos, para mostrar como era a residência e como se encontra agora o espaço, como museu. Felizmente a Casa Mário de Andrade já dispunha de um acervo de conteúdo on-line grande em seu site, que veio bem a calhar durante os atendimentos on-line.

Uma vantagem da visita virtual é que, fora do contexto do espaço físico do Museu e das exposições em cartaz, nós pudemos explorar temas e perspectivas que até então não tínhamos tido oportunidade para trabalhar. Nesse período de pandemia, realizamos atividades sobre literatura marginal, sobre diálogos entre Mário de Andrade e Gilberto Freyre, sobre identidade nacional, sobre raça e literatura, entre outros, aumentando assim nosso leque de temáticas.

As visitas virtuais têm duração de uma aula (entre 50 minutos e uma hora, dependendo da escola) – menos do que o período de uma hora e meia com que estávamos habituados –, por isso tivemos de produzir roteiros mais sucintos. Outro desafio foi a interação com o público, pois em geral a maioria dos alunos permanece com câmera e microfone desligados, impossibilitando que saibamos se eles estão prestando atenção à apresentação e quais os tipos de reação a atividade está gerando neles; sem esse retorno é difícil avaliar como foi a atividade. Tivemos de insistir para que o público interagisse conosco. Conseguimos melhor resultado nos chats (salas de conversa virtuais, por mensagens de texto) dos aplicativos de reunião, talvez porque essa geração esteja mais acostumada a interagir por mensagem.

Nós já estávamos habituados a utilizar o Google Meet para nossas reuniões internas, e demos preferência a essa plataforma para as visitas virtuais, mas frequentemente usamos também o Microsoft Teams, a pedido das escolas. O aprendizado dessa nova plataforma e os eventuais problemas técnicos (falha na conexão, demora do aplicativo em abrir, microfone que não funciona) requereram paciência da equipe educativa e das escolas. Houve casos em que não pudemos realizar a visita por algum problema dessa ordem. Como é sabido, as condições para acesso às tecnologias necessárias para que uma visita como essa ocorra são desiguais e, portanto, nem todos os alunos puderam participar delas.

A primeira visita virtual ocorreu em julho de 2020, com uma turma de Ensino Médio do Colégio Integrado XV de Novembro, colégio particular localizado na Zona Leste de São Paulo que já havia feito visitas presenciais ao museu. Realizamos uma reunião prévia com a professora, que solicitou a visita para discutir o tema (Semana de Arte Moderna) e a plataforma (Microsoft Teams).

Após essa experiência, recebemos outras solicitações de professores desse mesmo colégio, que se tornou nosso principal parceiro durante a pandemia. Com a

relação de confiança estabelecida com essa escola, desenvolvemos atividades com temas novos. Uma das visitas mais marcantes que realizei com essa escola foi sobre literatura marginal. Os alunos do 2º ano do Ensino Médio estavam lendo *Quarto de despejo*, de Carolina Maria de Jesus; por isso trabalhamos as representações da miséria na literatura, desde João do Rio, passando por Mário de Andrade (especificamente *Os Contos de Belazarte*) e Carolina Maria de Jesus. Parte da turma estava em casa e a outra parte estava na escola, acompanhando a atividade junto com a professora por um computador. A turma se mostrou interessada e interagiu bastante ao longo da visita, de modo que marcamos uma continuação para continuar o debate.

Outro exemplo de visita virtual foi com uma turma de Ensino Médio do Instituto Federal de São Paulo – IFSP, campus São Miguel Paulista. O professor responsável era ex-educador da Casa Guilherme de Almeida, o que facilitou muito a comunicação e o alinhamento. Para essa visita, cujo tema foi identidade brasileira, valemo-nos da condição de os alunos estarem em casa para fazermos uma dinâmica com objetos domésticos que representassem a identidade brasileira. Os alunos se engajaram na atividade e o debate foi muito interessante. Realizamos ainda outra visita com o IFSP sobre Mário de Andrade e a São Paulo da década de 1920, para a qual utilizei mapas antigos disponíveis em acervos on-line e o Google Maps, para efeito de comparação.

A utilização de tecnologias como Google Maps, Canvas, acervos on-line e vídeos permitiu novas possibilidades de mediação. No entanto, o formato das visitas virtuais ainda é experimental e suscetível a falhas imprevistas que podem comprometer a realização da atividade. Outro ponto importante é a interação presencial com o público e dele com o Museu, o que, por mais recursos que utilizemos, não é substituível. A experiência com atendimento escolar virtual foi necessária diante do contexto pandêmico, foi uma experiência enriquecedora para o Núcleo de Ação Educativa, especialmente no quesito novas ferramentas de trabalho e novos roteiros; contudo, apresenta diversas limitações. Avalio que a visita presencial ainda é forma de mediação com público escolar prioritária, e espero que em breve possamos mais uma vez desenvolver atividades presenciais no museu, embora possamos manter, também, as visitas virtuais.